

## “Teoria e prática dos domingos”<sup>1</sup>

Onde estão os pratos veneráveis do Portugal Português, o pato com macarrão do século XVIII, a almôndega indigesta e divina do tempo das Descobertas ou essa maravilhosa cabidela de frango, petisco dilecto de D. João IV[...] 2

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...

Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,

E assim será possível; mas hoje não...

Não, hoje nada; hoje não posso.

A persistência confusa da minha subjetividade objetiva,

O sono da minha vida real, intercalado,

O cansaço antecipado e infinito,

Um cansaço de mundos para apanhar um elétrico...

Esta espécie de alma...

Só depois de amanhã... 3

Neste capítulo procuro analisar, a partir das crônicas de Lobo Antunes, de que forma a velocidade das transformações, que ocorrem desde meados do século XX, interferem na vida do homem contemporâneo, em suas relações com o outro e com os espaços privados e públicos. Pretendo também analisar como os efeitos destas transformações incidem sobre a solidão vivida nos lugares e nos não-lugares.

“Teoria e prática dos domingos”, nome de uma das crônicas de Lobo Antunes, foi escolhida como título pelo modo como sintetiza o abismo existente

1 ANTUNES, António Lobo. “Teoria e prática dos domingos”. In: *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.119.

2 QUEIROZ, Eça de. *Correspondência de Fradique Mendes*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2001. P.73

3 PESSOA, Fernando. Fragmento do poema “Adiamento”. In: *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. P.159

entre a representação dos domingos, presente em diversas culturas, e como estes dias especiais são de fato vivenciados na prática cotidiana. Esta diferença - que gera, na maioria das pessoas, uma sensação de frustração por não atingirem as expectativas deste dia – culmina em um choque permanente entre o imaginário e a realidade, cheia de contradições.

António Lobo Antunes ao falar de suas crônicas em uma entrevista, faz o seguinte comentário:

O problema das crônicas do «Público» é que são coisas para entreter aos domingos. Têm que ser coisas leves. [...] para um público imediato, que compra o jornal aos domingos. Completamente diferente do público dos livros. 4

Ao definir o perfil ameno de uma crônica para ser lida aos domingos e situar o leitor potencial de suas crônicas, Lobo Antunes aparenta querer justificá-las como um gênero menor. Este julgamento é realçado quando afirma também ter “alguma dificuldade em pensar que sejam literatura”, mas percebe-se a sua ironia, ao anunciar como “coisas leves”, um profundo material que, muitas vezes, traz como tema e conteúdo, o próprio dia de domingo.

O autor expõe com humor e acidez todos os lados deste dia associado às práticas rituais vindas das tradições culturais e religiosas que povoam de significados o nosso imaginário. Segundo Witold Rybczynski, as sociedades pré-modernas dividiam o mundo entre profano e sagrado, sendo este marcado por um espaço físico, fixo e definido e o outro pelo “caótico, cheio de perigos” 5. Entrar no espaço sagrado significava entrar num tempo sagrado, “[...] primordial e mítico, isolado da vida cotidiana”6, e diferente do tempo profano que tinha duração normal. “A finalidade dos rituais religiosos era exatamente a de reintegrar esse passado ao presente. Assim o tempo sagrado tornou-se parte de um contínuo tempo repetitivo e separado, “um presente eterno e mítico”7. Nas sociedades modernas ocidentais, onde o sentido religioso perdeu muito o seu valor, “só pod[e] haver espaço e tempo profanos”8, embora os resquícios dessas antigas crenças se mantenham. Talvez isto explique porque:

4 ANTUNES, António Lobo. In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*: 1996.

5 RYBCZYNSKI, Witold. *Esperando o fim de semana*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. P. 190

6 Idem. P.191

7 Idem. P.192

8 RYBCZYNSKI, Witold. Op cit. P.192

[...] o fim de semana tem o mesmo sentido de repetição do tempo sagrado e – da mesma forma que este, era marcado por um ritual, apesar de ser uma oportunidade para a liberdade pessoal – é ditado por regras: varrer as folhas do chão, fazer churrasco no jardim, ir ao cinema, [...] ler o jornal de domingo, [...] 9

Dia santificado, programado e esperado em todas as agendas; último e primeiro dia da semana, o domingo é um divisor de águas, um meio tempo entre sonhos e projetos, desejos, promessas de decisões e realizações. Por isso, os domingos são dias em que, na quebra da rotina, os sons da cidade são diferentes e o tempo é outro nos ponteiros do relógio. Entretanto, como se depreende do comentário de Lobo Antunes, o domingo é o dia em que o jornal é gordo e farto em amenidades. Dia para a família e de “coisas leves” que o autor vai dando peso, transformando e revelando o avesso, até chegar aos desconfortáveis vácuos da própria vida. Com isso, a representação incide sobre o vazio existencial que se desdobra nos aguados almoços de domingo e se destampa nas panelas dos cozidos, nos passeios e nas imagens cinzentas da noite contemporânea.

Ajudando a compor este quadro, as soluções urbanísticas e arquitetônicas concebidas para as metrópoles, seguindo um ideal de perfeição e ordem, além de puir as fronteiras entre o público e o privado parecem ter contribuído para dificultar o convívio social, tornando o espaço da porta de casa para dentro o local para se tentar juntar os pedaços, recompor famílias e casamentos. Lobo Antunes toca o abismo existente entre os mundos interior e exterior das pessoas, cuja tônica recai sempre sobre a solidão, sejam quais forem os seus campos de ação. O Autor apresenta em suas crônicas, várias leituras para o uso desta solidão contemporânea, tão bem localizada e ilustrada nos dias de domingo.

A crônica “Teoria e prática dos domingos”, citada acima, oferece um panorama exemplar e abrangente deste dia. Nela, Lobo Antunes estabelece um jogo no qual desfia o tecido do imaginário, ou seja, a trama teórica acerca deste dia e, com os mesmos fios, tece a *prática* que realmente se dá nestes momentos. O texto trata dos momentos de reflexão de um homem casado que, justamente aos domingos, nos seus dias de folga, se percebe angustiado frente às evidências de um mal estar aparentemente sem razão. Esta sensação se reflete no próprio relato que representa, com seu formato indagativo e aflito, o ânimo deste personagem.

---

9 Idem p.193

Em seus devaneios, contrapõe o domingo ao resto da semana e, à medida que discorre sobre as não obrigações do dia, como trabalho e horários, percebe, sempre com um sentimento de mal estar vago e impreciso, que os seus domingos são na realidade metódicos e maquinais. Percebe-se no curso do relato, o típico traço da narrativa de Lobo Antunes sempre marcada pela solidão, vivenciada através da repetição das mesmas perguntas feitas pelo personagem como uma oração em silêncio, pela monotonia velada de uma rotina previsível, no contra-senso do contorno desbotado de um dia concebido para ser claro e colorido. O personagem parece não compreender porque tem dificuldades em lidar com o tempo disponível, desejado e conquistado após a semana de trabalho quando diz: “Não tenho de estar às nove na Companhia, não tens de estar no infantário às oito e meia [refere-se à Filomena, a sua mulher], [...] ninguém dá ordens, ninguém nos exige nada, ninguém nos aborrece, [...]”<sup>10</sup>. A repetição do pronome ninguém parece acentuar a ausência de alguém e o vazio na sensação de inutilidade. Não alcança o porquê dos sentimentos contraditórios que nascem da percepção de que sente coisas que não deveria ou não poderia sentir, como mostra o fragmento a seguir:

[...] porque motivo é sempre a mesma hora no relógio, porque razão me apetece tanto qualquer coisa que nem sei o que é em vez de ficar contigo? Eu gosto de ti, palavra, devia me sentir bem e não sinto, não é mal-estar, não é angústia, é uma sensação vaga, um desconforto, uma inquietação que não entendo e todavia não me concebo sozinho, não me concebo sem ti, gosto da tua cara, do teu corpo, casei contigo por amor, porque são os domingos tão compridos Filomena? <sup>11</sup>

O personagem especula as possíveis razões para o seu desconforto: “Não tem que ver com o bairro, o bairro agrada-me, não tem que ver com o apartamento, três assoalhadas chegam e sobejam e ainda temos a marquise, a vista, [...]”<sup>12</sup>. A busca de causas claramente associadas a elementos concretos e exteriores a ele como o apartamento ou o bairro, sugere, da mesma forma que a sucessão de *porquês*, que o personagem se relaciona com o mundo e com as coisas de maneira infantil, não se sentindo responsável por suas próprias conquistas ou frustrações. A enumeração das atividades do dia se assemelha à descrição dos passos e das estações de uma via-sacra, cujo Cristo-personagem não

<sup>10</sup> ANTUNES, António Lobo. “Teoria e prática dos domingos”. In: Op. Cit. P.119

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Idem.

tem uma causa, embora pareça disposto a *pagar* pela *estabilidade* de sua vida. No monótono moto-contínuo destas *estações* estão previstas a visita à casa do cunhado, seguida de uma visita aos sogros. Lobo Antunes, com sua habilidade, concentra nesta descrição feita pelo personagem, não só a repetição e a mesmice de uma rotina que ultrapassa o mundo do casal, para fazer parte do universo de um grupo social, como astutamente *recheia* as cenas com uma série de elementos típicos da sociedade consumista. O personagem sabe que vai encontrar o cunhado “aborrecidíssimo a mudar de canal e a comer pipocas de um balde de cartão [...]” 13; sabe também que vai encontrar a sogra “aborrecidíssima a mudar de canal e comer pipocas,[...]”14. Percebe-se aí, “nas pipocas de um balde de cartão”, uma denúncia da mudança nos hábitos que descaracterizam as culturas regionais, uma uniformização globalizada sugerida pela mídia, feita através da televisão que mantém em sua programação filmes *enlatados* que entranham, por todo o mundo, novos e estranhos hábitos. Os prospectos de viagem, tão comuns depois que a indústria do turismo se expandiu como uma febre apressada e consumista, vendem promessas de felicidade muito distantes da percepção e constatação do personagem:

[...] folheio os retratos do cruzeiro que fizeram em agosto a Tânger  
 (pessoas sorridentes a jantarem de copo de vinho no ar, um baile a bordo, o teu irmão com um chapéu esquisito na cabeça de braço dado com um árabe de bigode)  
 o teu irmão para mim, a apontar as fotografias e a mudar [o canal da televisão] para o desporto  
 - Chateei-me como um urso Alfredo[...] 15

Da mesma forma a crônica aponta também os contrastes entre os avanços tecnológicos encontrados na profusão de aparelhos eletrodomésticos, que visam facilitar as tarefas caseiras, e a estagnação nos estereótipos das estruturas das relações conjugais, quando vemos os homens na sala e as mulheres na cozinha, tentando preencher os vazios com um novo forno de microondas ou um “aparelho eléctrico de moer não sei quê” 16 A sensação de que todos se chateiam aos domingos está presente nos relógios cujos ponteiros não se movem, na repetição de:

---

13 ANTUNES, António Lobo. “Teoria e prática dos domingos”. In: Op. Cit. P.119.

14 Idem p.120

15 Idem p.119-120

16 Idem p.120

[...] um martírio e não entendo porquê dado que gosto de ti, nem sequer sou infeliz, não sou infeliz, palavra, é uma coisa estranha, [...] não é isto que quero, este túnel de horas, esta poltrona óptima durante a semana e desconfortável ao domingo onde não consigo sentar-me, onde não encontro posição. 17

Sabe-se que os espaços em que vivemos refletem o que somos e cumprem o papel de “território pessoal”, como afirma Certeau:

Quanto mais o espaço exterior se uniformiza na cidade contemporânea e se torna constrangedor pela distância dos trajetos cotidianos, com sua sinalização obrigatória, seus danos, seus medos reais ou imaginários, mais o espaço próprio se restringe e se valoriza como lugar onde a gente se encontra enfim seguro, território pessoal e privado onde se inventam “modos de fazer” que tomam um valor definitivo: “Veja só como é que eu faço isso...Na minha família, temos o hábito de...” Coisa estranha, quanto mais exíguo se torna o espaço próprio, mas ele é entulhado de aparelhos e de objetos. Diríamos que é preciso densificar este lugar pessoal, material e afetivamente, para tornar-se o território onde se enraíza o microcosmos familiar, o lugar mais privado e caro. 18

Como bem disse Certeau, quanto mais hostil o mundo externo, mais preciosa é a nossa casa, nosso refúgio. A crônica “Teoria e prática dos domingos” apresenta também, uma mudança significativa na relação do homem com este refúgio. O personagem ao se referir à poltrona como sendo confortável durante a semana, mas não aos domingos, sintetiza, através desta sensação, uma alteração na interação com o próprio ambiente privado, pois em seus devaneios a poltrona tem um valor afetivo especial, o que mostra tratar-se de uma poltrona *íntima*, marcada e moldada pelo uso. Contrariamente ao esperado, este objeto do desejo feito para ser usufruído, esta peça do mobiliário que traz em si, por sua forma e seu volume, características de continente, pois abarca e aninha o corpo, perde, aos domingos, sua capacidade de aconchego, e conforto. Perde a intimidade, tornando-se um objeto estranho. Por uma óbvia associação, o mesmo se dá na relação com a sua casa, sua mulher e com tudo relacionado aos fins de semana ou ao tempo destinado ao lazer. Segundo Witold Rybczynski:

A instituição do fim de semana mostra as muitas contradições não solucionadas do comportamento moderno em relação ao lazer. Queremos guardar o bolo e, ao mesmo tempo, queremos comê-lo. Queremos liberdade para relaxar, mas queremos que esta liberdade seja regular, semanal, pontual

17 ANTUNES, António Lobo. “Teoria e prática dos domingos” . In: Op. Cit. P.120

18 CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*: 2. morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: EditoraVozes, 1996.P.206

como um relógio. [...] Há qualquer coisa mecânica nessa oscilação, criando um sentido de obrigação que interfere no descanso. 19

O sentido de obrigação faz pensar em um sentimento de afastamento emocional das coisas conhecidas e tranquilizadoras, dos hábitos caseiros e daquilo que representa o bem-estar e identificação, ou seja, o ambiente reservado ao livramento dos papéis obrigatórios desempenhados fora do ambiente familiar. Como mostra Marc Augé:

O sinal de que se está em casa é que se consegue fazer entender sem muito problema, e ao mesmo tempo se consegue entrar na razão de seus interlocutores, sem precisar de longas explicações. 20

Neste sentido resta ao personagem tentar manter-se num tenso equilíbrio estabelecido pelo embate interno entre os significados de um domingo imaginado e os seus sentimentos; entre a frustração de hoje e uma vaga esperança de melhora no dia seguinte. Bauman fala desse problema quando se refere ao amanhã prometido, ao êxito no dia seguinte e a angústia gerada pela incapacidade para atingir esse amanhã:

Socialmente, a modernidade trata de padrões, esperança e culpa. Padrões que acenam, fascinam ou incitam, mas sempre se estendendo, sempre a um ou dois passos à frente dos perseguidores, sempre avançando adiante apenas um pouquinho mais rápido do que os que vão ao seu encalço. E sempre prometendo que o dia seguinte será melhor que o momento atual. E sempre mantendo a promessa viva e imaculada, já que o dia seguinte será eternamente um dia depois. 21

O personagem da crônica “Teoria e prática dos domingos” vive o domingo em sofrimento e solidão. Ainda que tenha as questões básicas resolvidas, que tenha conquistado os quesitos impostos pela modernidade, sabe que só encontrará alento a partir das dez horas da noite, quando:

[...] as árvores recomeçam a ficar bonitas com a segunda-feira a aproximar-se, os ponteiros dos relógios principiam a girar, a ideia de voltar para a Companhia que há-de me deprimir a partir de terça-feira entusiasma-me, [...] 22

---

19 RYBCZYNSKI, Witold. Op.Cit. P.195/196

20 VINCENT, Descombes. In AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994. P. 99

21 BAUMAN, Zygmund,. Op.Cit. P.91

22 ANTUNES, António Lobo. “Teoria e prática dos domingos”. Op. Cit. P.120

Neste momento a poltrona volta a ser confortável e, embora ele saiba que tem uma longa semana de trabalho pela frente, sente-se feliz ao deitar à noite; sente-se amando a mulher e vive, durante um retalho de dia, um fragmento de presente, um lugar de pertencimento e de criação. Por um curto período de tempo, o personagem sente-se preenchido e confortável no refúgio do lar, pois finge acreditar que este tempo é transitório e que a sensação de angústia pode ser renegociada pela relação de custo e benefício entre “[...] um insignificante domingo por semana e seis enormes dias inteirinhos para ser feliz.”<sup>23</sup>

Lobo Antunes, através desta crônica, parece mostrar que o Lugar, com as sensações de bem-estar representadas pela casa, parecem ter-se transformado em memória e só permanecem como catalisadores de fruição, quando vividos como passado ou futuro. O autor fornece subsídios para alguns dos questionamentos relevantes do momento presente. Quando mostra o papel da intimidade na atualidade, parece chamar a atenção para o fato de os lares e as relações de afeto modernas somente alcançam sensações de realização e segurança quando *vividos* no passado, através da memória, ou no futuro através dos eternos planos para o amanhã. Da mesma forma, seus espaços de representação no tempo presente estão deteriorados, restando para o hoje, sucessivos e constantes momentos de solidão. Ainda que não se esteja só, permanece a sensação de inércia e impotência, “uma sensação vaga, um desconforto”, a solidão a dois.

### 3.1

#### O autor e os nichos culturais

António Lobo Antunes explora um ambiente recorrente em suas crônicas: o cotidiano de pessoas simples da classe média, que vivem nos subúrbios e na periferia urbana. Este nicho social parece encontrar-se num limbo existencial, comprimido entre a classe baixa e a elite, situado no fiel de uma frágil balança, em que pesam: por um lado, a luta pela sobrevivência, que parece cada vez mais adiar um espaço econômico e psíquico para as conquistas básicas, e, por outro, o viver num aparente Olimpo cuja realidade própria é desvinculada do universo dos *mortais*.

---

23 Idem p.121



O pinçamento deste ambiente intermediário feito pelo autor, parece se referir ao fato deste grupo social estar sempre numa posição marginal num eterno entre lugar. É uma classe que deseja ascender e que por isso, está no meio do caminho, e vive o constante sobressalto de submergir às marés econômicas e políticas, perdendo o que conquistou. Talvez por isso, este grupo concentre por reflexão e identificação, todas as fantasias e idiosincrasias do homem. Trata-se de um grupo cujo perfil parece ser permeável e sem personalidade definida, que vive entre conceitos e hábitos conservadores e provincianos - que dificultam a assimilação e a adaptação às imprevisibilidades contemporâneas – e o desejo de ascender social e culturalmente. Parece viver a constante frustração do cumprimento de todas as exigências para a compra da felicidade, sem conseguir a plenitude desejada. São pessoas que não lidam bem com um ambiente inseguro, instável, e parecem preferir a monotonia de uma rotina repetitiva ao risco e imprevisibilidade de toda mudança.

Eu penso que aquilo que faz com que nós continuemos vivos e capazes de criar é isso mesmo, uma inquietação constante. Sem ela não pode haver criação, quem não põe sempre tudo em causa, arrisca-se a ter uma vida interior de três assoalhadas, num bairro económico.<sup>24</sup>

A imagem criada pelo autor “três assoalhadas, num bairro econômico”, que parece tratar-se de uma citação da crônica “Teoria e prática dos domingos”, ilustra exatamente o ambiente deste nicho, o ambiente da prisão e da mesmisse, das necessidades de permanência, previsibilidade e segurança que, junto com as certezas foram banidas do mundo atual.

Este grupo representado nas crônicas de Lobo Antunes, concentra a sensação de mal-estar e desajuste, pois não acompanha nem absorve as transformações a que todo o mundo ocidental vem sendo submetido de forma maciça desde meados do século XX. Por outro lado, essa classe tem um grande poder de atração ao funcionar como um espelho onde a sociedade projeta em si e em seu ambiente, exatamente os fantasmas do homem contemporâneo, fazendo com que adquira também um importante papel de representante desta sociedade. Resta a este nicho viver o dilema entre manter seus antigos hábitos, resistindo às mudanças e sofrendo concretamente as perdas que o tempo lhe impôs, ou correr atrás de uma “supermodernidade”, sempre aquém da sua compreensão, mas que o

---

24 ANTUNES, António Lobo. In: O Jornal.30 de outubro de 1992

obriga a um deslocamento constante que acaba por determinar, na maioria das vezes, o efeito contrário, isto é: fincar o pé no freio e paralisar.

No epicentro deste furacão existencial, o homem passa a distorcer e a deslocar as expectativas de fruição e realização para a superfície das coisas. Confunde o concreto com o abstrato e, numa tentativa frustrada de tapar os buracos da alma, almeja encaixar-se nos modelos ideais de vida vendidos pela mídia, como mostra o fragmento da crônica “A propósito de ti”:

Somos felizes. Acabámos de pagar a casa em outubro, fechámos a marquise, substituímos a alcatifa por tacos, nenhum de nós foi despedido, as prestações do Opel estão no fim. Somos felizes: preferimos a mesma novela, nunca discutimos por causa do comando, quando compras a TV Guia sublinhas a encarnado os programas que me interessam,[...] 25

Nesta crônica, o autor parece abordar as questões de um casamento, como pano de fundo do cenário atual. O texto, que trata do relato de um marido que faz, aparentemente, um balanço do casamento, chama a atenção pela forma como se desenvolve. Todos os parágrafos se iniciam com a afirmativa “Somos felizes.”, como um credo rezado que “encerra os artigos da fé fundamental católica”<sup>26</sup> e os preceitos da felicidade conjugal. Percebe-se que o personagem projeta na figura da casa, as questões pertinentes ao assunto. Quando se refere à quitação da casa, parece querer assegurar com a assinatura da escritura, não só a aquisição de referência que a casa própria proporciona no imaginário, mas amarrar a certeza de estabilidade da felicidade conjugal. Esta amarração é percebida na evidente necessidade de uma rotina semanal; do emprego garantido e, principalmente do guia da TV que oferece em seu cardápio, o roteiro da semana do casal quando os livra de decisões. A vida parece se realizar, no plano pessoal, através da projeção das novelas e na cidade ideal, conquistada pela ordem mantida na conduta dos seriados policiais, “... com o preto cheio de anéis a dar cabo dos italianos da Máfia.”<sup>27</sup>, dirigindo o sonho da vingança dos povos e raças oprimidos ao abaterem a civilização classicamente opressora. O fechamento da marquise parece ser uma tentativa de estender a área privativa, a área construída da relação quando

25 ANTUNES, António Lobo. “A propósito de ti”. In: *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.153.

26 BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

27 ANTUNES, António Lobo. “A propósito de ti” Op.cit. P.153.

se protege do contato com o mundo exterior. O relato segue com Lobo Antunes acrescentando ao ambiente todos os elementos típicos das *felizes* relações falidas e estéreis. A ausência de filhos é solucionada pela compra de um cachorro que, como todos os *filhos* abalam a estrutura e a rotina do casal. Raspando a alcatifa com suas unhas, “o animalzinho” parece ir esgarçando e rasgando a *pele*, chegando ao *osso* da dura e seca relação. Nota-se que a nova rotina, que envolve o cão, além de metódica e repetitiva, dá-se num revezamento onde o casal original nunca se encontra durante os passeios na rua:

Às segundas, quartas e sextas sou eu que vou lá abaixo levar o cão a fazer chichi contra a palmeira, às terças, quintas e sábados é a tua vez e o que não vai lá abaixo fica à janela, a olhar o bichinho a cheirar os pneus dos automóveis com ar serio de quem resolve problemas de palavras cruzadas que os cães têm sempre que farejam postes e Unos. 28

Através de pequenos incidentes, relatados no mesmo tom monocórdio de todo o relato, o autor insere, *homeopaticamente*, sutis alterações bizarras à trama, fazendo com que o leitor atento se sinta desconfortável em sua poltrona diante da delicadeza que as aberrações humanas escondem por trás das atividades normais no dia a dia. O novo habitante e terceiro lado do recém formado triângulo se espalha e invade a casa e a vida através das pulgas e do cheiro, terminando por instaurar no personagem uma metamorfose *kafkaniana* que culmina no próprio uso de uma coleira contra as pulgas. O casal, antes teleguiado pela TV Guia, passa o comando do poder à trela do cão, como mostra o trecho abaixo:

Somos felizes. Por isso não me preocupei no sábado com o animal muito entretido na praceta e tu atrás dele, de trela enrolada na mão, sem olhares para cima nem dizeres adeus, a andar devagarinho até desapareceres na travessa para a estação dos barcos. Foi anteontem.29

A imagem criada para o momento do abandono do lar, mostra a presteza do autor ao compor uma bela e poética tela, para demonstrar o contraste entre a densidade dos desencontros humanos e as alternativas criadas para a solução dos impasses. A cena ilustra as várias realidades e a ausência de uma única verdade, mostrando o homem como vítima e carrasco de seu próprio enredo de vida. O cão-guia é o pivô que orienta a rotina e o destino do casal. Alheio e negando a

---

28 ANTUNES, António Lobo. “A propósito de ti” Op.cit. P.154.

29 Idem.

realidade, o personagem, movido pela impotência e paralisia, insiste em manter o presente ao tentar reter o tempo, como apresenta o fragmento:

Ainda há bocadinho acabei de gravar o episódio da novela para ti. A tua mãe ligou a saber porque é que não fomos ao Feijó e eu disse-lhe que daqui a nada lhe ligavas. Porque tenho certeza de que não te foste embora visto sermos felizes. Tão felizes que um dia destes vou comprar um microondas para, se chegares a casa, teres comida quente à sua espera. 30

Novamente o autor dá um tom rotineiro, banal ao final melancólico e fatalista de sua crônica. Introduzindo e mesclando vários sentidos possíveis para os equipamentos eletrônicos, mostra que mesmo sendo desenvolvidos e fabricados com tecnologia e sofisticação e anunciados nas TVs-guias como mágicos auxiliares, no fundo são objetos específicos que simbolicamente ajudam a requestrar os enredos sonhados, a comida, o tempo e as relações.

Lobo Antunes aponta, embora entrevisto como um detalhe secundário da trama, a mulher numa posição ativa, contraposta à passividade do personagem. Desta forma, toca nas inversões dos papéis masculinos e femininos que vêm ocorrendo com maior frequência nas relações pessoais e profissionais nos últimos tempos. O tom furtivo que o autor dá à cena, esboçada por um vulto difuso e apressado dobrando uma esquina e guiado por um cão, sugere uma solução tipicamente feminina pelo aparente contra senso entre a delicadeza e a firmeza manifestada no ato. Delicadeza encontrada também na forma da abordagem do destino seguido pela mulher que desaparece “na travessa para a estação dos barcos”, sugerindo o nascimento de uma nova vida, novos mares, novos rumos.

Ao lado desta nova e empreendedora faceta da figura da mulher surge uma diferente e igualmente bem observada pelo autor na crônica “A solidão das mulheres divorciadas”<sup>31</sup>. Lobo Antunes, ironicamente, aponta desde o título, alguns clichês de comportamentos que dizem respeito ao universo feminino. Um recorte de solidão exclusivo para as mulheres sugere um relato dramático, excessivo nos hormônios e nos traços histéricos, ou seja, carregado dos elementos simbólicos que compõem o gênero e que são largamente difundidos nas revistas especializadas, pois garantem um retorno certo, visto que as mulheres têm por

---

30 ANTUNES, António Lobo. “A propósito de ti” Op.cit. P.154.

31 ANTUNES, António Lobo. “A solidão das mulheres divorciadas”. In: *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P. 127.

fama, serem consumistas. As suspeitas são confirmadas no primeiro parágrafo, como mostra o fragmento a seguir:

Aos fins de semana quando não saio com a minha prima Bé fico em casa a ver televisão. Ver televisão quer dizer regar as plantas da marquise, ler o horóscopo nas revistas, desfazer o tricô do domingo anterior, mudar de canal de vinte em vinte segundos e pensar em matar-me. 32

O autor carrega nas tintas do sentir feminino, dando um tom de solidão *terminal*, onde deixa claro não só a consciência que a personagem tem de sua própria realidade, mas também a forma como lida com esta solidão, ao fazer da televisão uma companhia variada e desatenta, porém *viva*, presente e testemunha do rol de passatempos com os quais enche o seu domingo. Como as mulheres de Almodóvar, a personagem se assemelha a uma Penélope à beira de um ataque de nervos, a tecer e a desmanchar um eterno tricô, na esperança ansiosa da volta de um clássico Ulisses para preencher os seus vazios modernos. Percebe-se na ilustração do mito, uma possível intenção do autor de colocar nas entrelinhas do tecer, as contradições surgidas depois do advento da emancipação feminina no início do século XX e acirradas após os anos sessenta. Entre viver o modelo tradicional e culturalmente estimulado pelos homens, ou adquirir a liberdade sonhada, as mulheres convivem com o dilema gerado entre os ganhos e as perdas que as duas situações estabelecem.

Como se pode perceber, Lobo Antunes trata o texto com o fino humor negro que permeia a sua obra, pois como afirma José Cardoso Pires:

[...] só um fôlego, e uma impetuosidade, e uma truculência como a de Lobo Antunes poderiam, acho eu, levar-nos em vendaval até a gargalhada final. Porque, nem queira saber, no meio do pavor e da ira que percorrem todo o livro a dor vai até ao seu ridículo mais feroz e desdobra-se em ecos de gargalhada.<sup>33</sup>

O comentário acima ilustra bem as reações provocadas no leitor, ao perceber no exagerado discurso histérico e cômico da personagem, a presença simultânea de dois sentimentos opostos: “O problema é que assim que me levanto para tomar

32 ANTUNES, António Lobo. “A solidão das mulheres divorciadas”. Op.Cit. P. 127

33 José Cardoso Pires, “Uma pessoalíssima maneira de contar”, *Jornal de Letras*, 4 dez. 1990, p. 5. In: MONTAURY, Alexandre, *Crônicas de Lobo Antunes: Narrativas estilhaçadas* Revista Semear 7. ED. PUC-RIO

os lexotans todos de uma vez a minha mãe telefona de Alcobaça a saber como estou,[...]”<sup>34</sup>

A personagem parece deslocar para os domingos, todas as suas contradições. Apesar de morar sozinha, é importunada pela mãe, que segue um modelo estereotipado de maternidade evidente na onipresença através dos telefonemas e das indagações constantes sobre saúde e alimentação. As preocupações desta mãe se estendem ao estado de solidão da filha e percebe-se aí a sugestão de um parceiro como solução para os problemas. A rotina dos fins de semana, que se divide entre aqueles em que sai de casa e os que fica em casa, é sempre a mesma, num somar de dias iguais, desencantados e sem esperança de transformação da cena vivida:

Nos fins de semana em que saio com a minha prima Bé vamos às Lojas das Meias e à Escada sonhar com blazers de caxemira [...] e casacos compridos, chateamo-nos como peruas nos filmes que os jornais gostam, encontramos num bar com colegas da escola dela que descobriram na semana passada um restaurante italiano baratíssimo [...] <sup>35</sup>

O trecho acima sugere que a personagem não encontra alternativas para o tédio persistente, nem dentro e tampouco fora de casa. Esta situação parece ser a realidade das gerações balzaquianas e maduras que se fixam perplexas, num meio caminho entre a emancipação com os bônus e ônus correspondentes, e a concretização do velho sonho de realização afetiva que, quando não satisfeito, se mumifica num viver amargurado.

No curto fragmento “filmes que os jornais gostam”, Lobo Antunes abre duas frentes de leitura: por um lado pode-se perceber a indução da mídia que, submetida ao marketing, provoca distorções na crítica de arte; por outro lado, é possível deduzir-se que a personagem (e a geração de sua classe sócio cultural), se veja obrigada a consumir um determinado produto cultural para se sentir *incluída*, pertencente a alguma coisa. Isso faz com que consuma a cultura como um objeto, uma bolsa ou um sanduíche e não tenha os anseios de fruição, assimilação ou reflexão, o que fica claro na associação da escolha do restaurante com a opção escolhida para uma baixa e insossa qualidade de vida:

---

34 ANTUNES, António Lobo. “A solidão das mulheres divorciadas”. Op.cit. p.127.

35. ANTUNES, António Lobo. “A solidão das mulheres divorciadas”. In: Op. Cit. P.127-128

Não abuso dos fritos, não abuso do tabaco, não abuso do álcool, não abuso do sexo, não abuso de nada mãe, oiço crescer o pelo da alcatifa,[...] 36

Nota-se ainda que o comentário esperado da mulher divorciada ao avistar o ex-marido: “[...] deixou crescer o bigode, vinha acompanhado por uma mulata com metade da idade dele e nem sequer me viu. Ter-me-á visto alguma vez?”, traz a consciência do despeito e transparece um laivo de desconforto na dúvida se teria sido compreendida e amada pelo marido. Da mesma forma, a esperada transformação do ex-marido aponta que o tipo de percepção e de cultura dos personagens, pois faz parte do nicho recorrente nas narrativas de Lobo Antunes.

Os encontros amorosos, eventuais e inconsistentes, se dão em locais tipicamente masculinos, descritos de forma caricatural, o que sugere ser a acentuação dos contrastes entre masculino e feminino. Percebe-se um subtexto lugar-comum, na demarcação destas diferenças, feita de maneira estereotipada como forma de apontar o vazio e a repetição:

    [...] já me sucedeu acordar aos domingos de manhã num apartamento [...] ao lado de professores de Matemática com iogurtes fora do prazo no congelador, um chinelo esquecido no bidé e um cinzeiro de folha a transbordar beatas no soalho, junto de uma chávena de café quebrada. 37

Nota-se, ao mostrar o estereótipo dos padrões próprios do mundo masculino, contraposto à reação estereotipada do universo feminino, que a intenção do autor é a de evidenciar que o asco sentido pela personagem é mais fraco do que o instinto maternal presente na observação: uma mãe típica, ao analisar o quarto do filho adolescente. Este mesmo asco parece garantir a manutenção do ritual ancestral de perpetuação da espécie, pois não *mata* o desejo de um parceiro. Esse dado pode ser percebido quando a personagem fantasia a partir da leitura do encarte feminino de um jornal:

    [...] leio o meu horóscopo na penúltima página dos magazines femininos a seguir ao caderno da moda e a um artigo que explica como um cinto de ligas e uns sapatos vermelhos poderiam mudar a minha vida afectiva. Com um cinto de ligas os iogurtes fora do prazo desapareceriam do congelador? Com sapatos vermelhos encontraria chuveiros sem jornais?[...] 38

---

36 ANTUNES, António Lobo. “A solidão das mulheres divorciadas”. In: Op. P.127-128

37 Idem. P.128

38 Idem. P.128

Lobo Antunes mostra que, apesar de todos os avanços as carências humanas se mantêm. O autor assinala que as dificuldades de relação e realização afetivas pertencem também ao homem que, da mesma forma, não aprendeu a transitar nos desencontros. Por outro lado, o Autor dá relevo a forma como os homens e as mulheres, na fase adulta, madura e produtiva, se fixam num tempo de solidão pautado pelo descartável da atualidade. A solidão do abandono, a insuportável solidão ressentida de quem já não tem expectativas, não vê e não cria uma saída, e permanece como parte da “sujeira” de que Bauman fala e cujo desfecho é descrito pela personagem ao final de seu relato:

Durante seis meses poupo nos almoços [...], compro o blazer da Escada e uns sapatos vermelhos, a colega que vende ouro no escritório prometeu baixar-me as prestações do anel e passo o serão sozinha, de blazer, sapatos e cachucho, lindíssima, a mudar de canal e a ouvir o pelo da alcatifa crescer. 39

Este final sintomático é altamente expressivo de inércia e solidão. Iludida pelo consumo a personagem segue parada; privada de satisfações e de seu lugar no espaço contemporâneo, fica a observar o seu *chão*, o suporte de seu universo transformado alegoricamente em um campo de guerra, um *campo minado* revestido por uma *relva* sintética, artificial e estéril.

### 3.2

#### A solidão nos não-lugares

Marc Augé afirma que: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não cumpra estas funções, se definirá como um não-lugar” 40. Com isso, o autor especifica que os não-lugares são os “espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a conseqüente relação que os indivíduos mantêm com esses espaços.”41 São ambientes que “não integram os lugares antigos”42, agora “classificados e promovidos a “lugares de memória”43 e a ocupar “um lugar circunscrito e

39 ANTUNES, António Lobo. “A solidão das mulheres divorciadas”. In: Op. P.129

40 AUGÉ, Marc. In. Op. P.73

41 Idem. P.87

42 Idem. P. 73

43 Idem. p.73



específico.”<sup>44</sup> Esta relação, que compromete pelo automatismo e pela impessoalidade, estabelece uma “comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma imagem de si mesmo.”<sup>45</sup> impondo “às consciências individuais, novíssimas experiências e vivências de solidão, diretamente ligadas ao surgimento e à proliferação de não-lugares.”<sup>46</sup> O surgimento da “supermodernidade” determina que “... os lugares e ritmos antigos...”<sup>47</sup> não mais funcionam como “indicadores do tempo que passa e que sobrevive”<sup>48</sup>.

Não restam dúvidas de que essas radicais transformações além de alterar a escala de vida, deixam seqüelas no sujeito que, ao tentar se ajustar, oscila entre a perplexidade e a impotência, ou segue em frente sem olhar para trás e sem deixar rastros, rasgando a cada novo dia, a página do dia anterior.

Na crônica “*Os meus domingos*”<sup>49</sup>, Lobo Antunes parece ter formatado uma cartilha do tempo, recheada de informações, tendo como finalidade facilitar e orientar as futuras gerações em suas pesquisas antropológicas acerca das antigas civilizações. Este roteiro-crônica faz lembrar Chico Buarque e a letra da música “*Futuros Amantes*”, quando o compositor se refere aos escafandristas, no futuro, explorando a cidade submersa, a sociedade submersa, extinta:

[...] Sábios em vão  
Tentarão decifrar  
O eco de antigas palavras  
Fragmentos de cartas, poemas  
Mentiras, retratos  
Vestígios de estranha civilização [...] 50

De maneira diferente de “A solidão das mulheres divorciadas”, Lobo Antunes apresenta em “Os meus domingos”, a anestesia como um paliativo para a sobrevivência e gerência da solidão nos espaços e tempos pós-modernos.

O nome da crônica parece trazer no título um ar de zombaria, que se revela na identificação com as redações escolares, enfadonhas, repetitivas e obrigatórias na volta às aulas durante o ensino fundamental. Como de fato, parece ser este o

---

44 AUGÉ, Marc. In. Op. P.73

45 Idem. P.75

46 Idem. P.86

47 Idem. P.72

48 Idem. P.73

49 ANTUNES, António Lobo. “Os meus domingos”. In: *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P.59.

50 BUARQUE, Chico. [Compositor]. *Futuros Amantes*. In: Paratodos. [SI] : Marola Edições Musicais Brasil, p1993. Faixa 9.

tom: o de um jovem em busca de uma *tribo*, travestido em um chefe de família. O personagem assim inicia o relato acerca dos domingos de sua família:

Aos domingos a seguir ao almoço visto o fato de treino roxo e verde e os sapatos de tenis azuis, a Fernanda veste o fato de treino roxo e verde e os sapatos de salto alto do casamento, [...] sobe o fecho éclair até o pescoço e põe os dois fios de ouro com a medalha e o colar da madrinha por fora, [...] apanhamos os meus sogros [...] e passamos o domingo no Centro Comercial. [...] Todos os automóveis do parque são Seat Ibiza, todos têm mantas alentejanas nos bancos[...] todos circulam a tarde inteira no Centro de forma idêntica à nossa [...] 51

Nesta crônica, Lobo Antunes explora e revela o avesso do ambiente experimentado em um shopping center, local classificado como um não-lugar, por Marc Augé. O texto é um relato feito por um chefe de família a cerca dos seus domingos que, pelo olhar do autor, é igual a todos os domingos de todas as famílias: passam sua tarde no shopping. Toda a impessoalidade característica desses ambientes descritos por Augé, é vivida e estendida a estes personagens antunianos que, como robôs, circulam e olham vitrines e, principalmente, são vitrines e são reflexos uns dos outros, iguais, ou seja, saem de casa para ser ninguém.

Seguindo o tom da cartilha referida acima, o autor ao longo de toda a narrativa, “pontilha”, dentro de um ambiente absolutamente atual e comum a qualquer cidade, resquícios do comportamento passado que parecem teimar em emergir para negar a sua morte. Apesar dos personagens fazerem parte de um recorte social totalmente submisso às imposições do mercado, alguns hábitos parecem escapar, apesar dos cuidados, como por exemplo, a roupa de treino vestida com o sapato de salto alto do casamento. Este pormenor, assim como a referência ao colar “da madrinha”, trazem um ranço de algo muito antigo e fora do contexto do ambiente tratado. Esta é uma das características que se percebe no texto de Lobo Antunes: a de desenhar, através de uma sucessão de detalhes aparentemente desimportantes, traços importantes do perfil de determinado grupo social e cultural, como o uso inadequado de uma roupa para praticar esportes. De acordo com Rybczynski:

[...] os americanos hoje gastam mais de treze bilhões de dólares por ano em roupas para esporte. [...] cerca de um bilhão e trezentos milhões de horas que poderiam ser de lazer são

---

51 ANTUNES, António Lobo. “Os meus domingos”. Op.cit. p.59.

trocadas por roupas de lazer – tênis cada vez mais sofisticados, calções próprios para caminhadas e roupas de grife para usar em esportes. 52

Ao apontar as tentativas desastrosas desta parte da população, em equilibrar a incorporação de novos hábitos urbanos às praticas tradicionais e impróprias à nova imagem que desejam ostentar, o autor parece usar o automóvel como uma alegoria da inadequação da busca desesperada de pertencer à alguma coisa, de ser igual ao restante do grupo, para então, sentir-se parte da sociedade:

[...] todos [os automóveis] apresentam um autocolante no vidro que diz Não Me Siga Que Eu Ando Perdido, todos possuem uma rodela Vida Curta no guarda-lamas direito e uma rodela Vida Longa no guarda-lamas esquerdo [...] juntei [...] um novo autocolante que deseja Espero Não Te Conhecer Por Acidente. 53

Os carros trazem dizeres expostos como que projetando em sua *fachada*, os velhos hábitos de troca e comunicação com os outros, e que precisam apagar. O autocolante “Espero Não Te Conhecer Por Acidente” sugere, num tom irônico, o seu duplo sentido, ou seja: o desejo de travar conhecimento pressupõe um contato físico, o que determina uma batida de carro, que seria de todo jeito desastrosa, pois tal *conhecimento* só se faria possível, mediante uma *invasão* de propriedade, da privacidade, da intimidade alheia.

Lobo Antunes ao falar da falta de comunicação, da impessoalidade nas relações e da semelhança entre as pessoas, vai às raias da imagem perversa e caricata. Carrega de tal forma, que chega a tornar banal uma eventual troca de mulheres, filhos, sogras e carros, cujo engano só é percebido quando, dias depois, a mulher se dá conta que: “a minha Última Ceia é de estanho e a dela de bronze”<sup>54</sup>. Neste momento, o autor parece evidenciar o quanto a supermodernidade alterou as antigas formas de relações. Ao *tocar* na Última Ceia, sugere não só que a instituição familiar tradicional católica - que tem nesta imagem (sempre presente nas salas de jantar) o seu símbolo máximo - está sendo lançada por terra, como também mostra o mesmo objeto como valor de troca, ao identificá-lo pelo material usado: estanho e bronze. Com isto, resume na imagem,

52 RYBCZYNSKI, Witold. In. Op.cit. P.184

53 ANTUNES, António Lobo. “Os meus domingos”. Op.cit. p.59-60

54 ANTUNES, António Lobo. “Os meus domingos”. Op.cit. P. 60

a moeda corrente no mercado atual de compra e venda para aquisição das realizações e da felicidade.

Lobo Antunes compõe sua cartilha mostrando a espetacularização nos espaços e nas relações, que soam falsas como a pele de raposa acrílica usada pela sogra e onde todas as práticas sociais se tornam representações de fachada. As maneiras de ser arraigadas intrometem-se na nova vida como o latejar de “uma unha encravada”, revelando a superficialidade e a dificuldade na incorporação dos novos hábitos e fazendo “coxear” a encenação teatral quando os personagens repetem conhecidos vícios de comportamento: “a Fernanda senta-se atrás no Seat Ibiza, com o menino e a Dona Cinda,...”. Percebe-se o ranço provinciano na distribuição da família no automóvel, com os homens à frente, são eles os que conduzem e guiam o grupo, e ao caminharem no shopping, quando as mulheres tomam a dianteira e conversam sobre microondas e frigorífico novos, os homens seguem atrás falando de futebol.

Ao final da crônica, percebe-se que o autor imprime no destino dos personagens, o mesmo movimento circular de um *footing* no shopping, mostrando que tudo vai se repetir da mesma maneira e que, como a clássica explicação para o formato da terra: seguindo-se sempre em frente, chega-se ao mesmo lugar. “... todos circulam a tarde inteira no Centro de forma idêntica à nossa...”<sup>55</sup>, todos têm a família, o trabalho, a rotina e a vida “idêntica à nossa” para o todo o sempre, como ilustra o trecho:

Como esta [nova mulher trocada por engano] sempre cozinha melhor do que as outras não faço tenções de voltar às Amoreiras [nome do shopping]. Se ela gostar de telenovelas só tornamos a sair daqui a muitos anos, quando o miúdo usar um fato de treino roxo e verde, eu encontrar no armário do quarto um casaco de raposas acrílicas e um chapéu tirolês, e escutar lá embaixo a buzina do Seat Ibiza da minha nora. Como nessa altura devo andar a dieta de sal por causa da tensão qualquer peixe grelhado me serve. 56

O autor aponta com maestria e ironia, os efeitos extremos dos novos tempos de cegueira e valores efêmeros -os tempos contemporâneos -, quando a identidade se dilui a ponto de fundir-se com a alteridade e quando os desejos se transformam na inapetência de “... qualquer peixe grelhado...”. Entretanto, o percurso continua da mesma maneira, no mesmo lugar.

---

55 ANTUNES, António Lobo. “Os meus domingos”. In: Op.cit. P. 60

56 Idem.

A crônica “A conseqüência dos semáforos”<sup>57</sup>, fala deste percurso fazendo um recorte do trânsito das grandes cidades. Toda a sorte de coisas comuns ao centro de uma metrópole está presente no texto o que torna possível uma identificação imediata do leitor. O relato trata, de forma jocosa, dos obstáculos que o personagem tem que enfrentar para chegar ao destino planejado, como por exemplo, uma batida de carros, contratos de seguros, roubos, pedintes nas esquinas, etc. O olhar de Lobo Antunes ao focar estes episódios parece projetar para o espaço urbano, as encruzilhadas com as quais as pessoas se deparam todos os dias. A cada descrição do personagem, o autor vai imprimindo um subtexto como mostra o seguinte fragmento:

Odeio os semáforos. Em primeiro lugar porque estão sempre vermelhos quando eu tenho pressa e verdes quando não tenho nenhuma, sem falar no amarelo que provoca em mim uma indecisão horrível: travo ou acelero? Travo ou acelero? Travo ou acelero? 58

Aparentando a irritação típica a qualquer motorista de uma grande cidade, a cômica cena mostra os impasses ocorridos diante dos imprevistos e a angústia gerada pela necessidade de tomar decisões. O semáforo vermelho faz pensar que, ao mesmo tempo em que interrompe um processo, obrigando a parar, pode estimular o devaneio ou a reflexão. Ao contrário, a pausa parece transtornar o personagem, pois permite que a realidade surja na janela expondo-o às misérias – sociais, econômicas, físicas, psíquicas e humanas - da sociedade ocidental:

A segunda e principal razão que me leva a odiar os semáforos é porque de cada vez que paro me surgem no vidro da janela criaturas inverossímeis: vendedores de jornal, [...] as senhoras virtuosas com uma caixa de metal ao peito que nos colocam autoritariamente sobre o coração o caranguejo do Cancro, [...] o sujeito digno a quem roubaram a carteira e que precisa de dinheiro para o comboio do Porto, o tuberculoso com o seu atestado comprovativo, toda a casta de aleijões (microcéfalos, macrocéfalos, coxos, [...] braços mirrados, mãos com seis dedos, mãos sem dedo nenhum, mongolóides, dirigentes de partidos políticos, etc.) 59

Estas mazelas, além de *invadirem* o personagem, parecem acionar o martírio da culpa social, pois quando o cronista inclui no mesmo rol de aleijões,

57 ANTUNES, António Lobo. “A conseqüência dos semáforos”. In: Op. Cit. P.21

58 Idem.

59 ANTUNES, António Lobo. “A conseqüência dos semáforos”. In: Op.cit. p.21-22.

dirigentes de partidos políticos, marca a presença de um estado ausente e indigente que claramente imputa as suas responsabilidades à sociedade.

Ao mesmo tempo as mudanças urbanas advindas da popularização do automóvel, ajudaram a transformar as ruas num local de passagem, alterando as relações do homem com a cidade e nas formas de contato interpessoal. Este pormenor, presente em todas as metrópoles, é apontado pelo autor quando mostra a maneira como o personagem percebe as coisas: “... cada vez que paro me surgem no vidro da janela...”, ou seja, a (não) ação, pois parado dentro do carro, assiste passivamente às imagens da realidade como um espectador de um documentário na tela da televisão. Isso faz pensar nos valores atribuídos ao automóvel no mundo contemporâneo. Protegendo das agruras do mundo exterior, este objeto parece representar simbolicamente tanto a casa, o escudo protetor, seu continente, quanto uma extensão de si, como um painel de exposições de seu poder aquisitivo, de seu mundo interior, seus bibelôs, como se pode ver nas reações do personagem ao entrar num táxi:

[...] já pago um dinheirão por cada viagem e ainda por cima tenho de aturar o pirilampo mágico e a Nossa Senhora de alumínio do tablier, o esqueleto de plástico pendurado no retrovisor, o autocolante da menina de cabelos compridos e chapéu ao lado do aviso “Não fume que eu sou asmático”,[...]60

Todos estes objetos sugerem a necessidade de mostrar ao mundo os hábitos, as preferências, as filosofias de vida. A presença do pirilampo mágico<sup>61</sup> no carro reforça a idéia de que a sociedade é a responsável pelas questões sociais e também pela culpa que o objeto deflagra no personagem.

Por outro lado, podemos depreender que ao falar de cruzamentos, esquinas e batidas de carros, o autor parece apontar um desenho urbano que ainda possibilita os (ainda que indesejáveis) esbarrões, os encontros, as trocas humanas, ao contrário das *freeways* da supermodernidade que obedecendo aos novos traçados, têm como referência de escala o automóvel e anulam as esquinas. Além disso, os cruzamentos oferecem infinitos sentidos e direções sinalizados pelos quatro pontos cardeais. O personagem deixa transparecerem as dificuldades do homem

60 ANTUNES, António Lobo. “A consequência dos semáforos”. In: Op.cit. p.21

61 O Pirilampo Mágico é uma campanha de solidariedade que acontece todos os anos em Portugal com o objectivo de angariar fundos para as Cersicas, cooperativas que dão apoio a crianças com deficiência mental e com carências económicas. Esta campanha decorre anualmente no mês de Maio. Como meio de angariação de fundos vende um boneco de peluche que é utilizado como se fosse um pirilampo. Origem: Wikipédia.

moderno em fazer uso dos encontros proporcionados por estes cruzamentos, e aponta, nas entrelinhas, o sentido único dado às novas vias das cidades que parecem privilegiar o percurso em detrimento do destino, de um objetivo. A mão única deste percurso, que faz da vida um eterno presente no *estar indo*, chama a atenção para o caráter de peregrinação que, na leitura que Lobo Antunes, aproxima este texto da crônica “Teoria e prática dos domingos”, onde cada sinal é uma pausa:

Resultado: no primeiro semáforo já não tenho trocos. No segundo não tenho casaco. No terceiro não tenho sapatos. No quinto estou nu. No sexto dei o Volkswagen. No sétimo aguardo que a luz passe a encarnado para assaltar por meu turno, de mistura com uma multidão de bombeiros, de estudantes, de drogados e de microcefálicos o primeiro automóvel que aparece. Em média mudo cinco vezes de vestimenta e de carro até chegar ao meu destino, e quando chego, ao volante de um camião TIR, a dançar numas calças enormes, os meus amigos queixam-se de eu não ser pontual.”<sup>62</sup>

Ao chegar ao ponto final de seu destino, o personagem já parece desfigurado e incompreendido, o que faz crer que o autor queira mostrar que a cada passagem de seu percurso, de sua vida, o homem contemporâneo se vê obrigado a trocar de identidades e se despir de suas histórias para sobreviver, sem estímulos nem vislumbres de opções para buscar novos horizontes.

---

62 ANTUNES, António Lobo. “A consequência dos semáforos”. In: Op.cit. P. 22.